

Arte e educação para a liberdade: experiências, memórias e reflexões de uma professora freireana
Art and education for freedom: experiences, memories and reflections of a Freirean teacher

Lylían José Félix da Silva Cabral
Centro Universitário Brasileiro - IBGM
Recife/PE - Brasil

Resumo

O presente artigo relata as experiências vividas no chão da escola, bem como, abri espaços para a discussão sobre o cotidiano escolar e os atravessamentos que os educadores que transitam no campo da arte como objeto de ampliação das possibilidades de ensino, com base no pensamento de Freire e Ana Mae Barbosa. Refletindo a complexidade que circunda as temáticas, pretendo discutir que nem a arte, nem as práticas isoladas podem mudar totalmente estruturas tão enraizadas. Ao pensar sobre o tema e tornar pública a vivência de uma educação sensível, marcando o traçado das linhas que indicam os percursos seguidos pela arte-educação pode-se colaborar com a discussão e apontar caminhos possíveis. Esperamos, também, estabelecer um debate que visa desconstruir a ideia de que os campos de conhecimentos devem ser separados; dismantlar os sistemas que nos colocam em compartimentos, entender como os processos ligados aos espaços de atuação, devem ser objetivos de vida, antes mesmo de serem objetivos de pesquisa.

Palavras-chave: Arte; Educação; Memória; Freire; Atravessamentos.

Abstract

This work seeks to convey the experiences lived in the school grounds, as well as how to make room for discussion on the daily school life and the path of the teachers that work with art with the objective of expanding the possibilities of education, based on the thinking of Freire and Ana Mae Barbosa.

Thinking of all the complexity that circles the themes that I intend to discuss and understanding that not art, nor the isolated practices can completely change all the deeply rooted structures, I think that reflecting upon the subject and turning the experience of a sensitive education public, tracing the lines that indicate the path followed by art-education can help with the discussion and point the possible ways. I also hope to enable the debate that seeks to deconstruct the idea that the fields of knowledge must be parted, dismantle the systems that put them in niches, understand how the processes linked to the spaces of action must be life goals, even before they're considered research goals.

Keywords: Art; Education; Memory; Freire; Goals.

Introdução

“Não emitimos palavras ao vento, soltas no ar. O lugar de onde emitimos a fala, de onde emitimos o texto, de onde emitimos a voz, de onde emitimos o grito, esse lugar é imenso” (GLISSANT, 2005, p. 35-36).

Este artigo narra um pouco das minhas experiências e vivências como professora e arte educadora. Antes de iniciar minha fala sobre minhas andanças, trago a fala de Paulo Freire, dono do mais intenso e arrebatador discurso sobre a educação, Freire abriu os portais para uma prática consciente e que deve permear a vida de todos os que decidiram seguir os caminhos de uma educação sensível e humanizada:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervir no mundo, conhecer o mundo (...) Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996, p. 31 e 35).

No percurso como professora, desenvolvendo projetos de audiovisual, teatralização do texto, poéticas da oralidade e produção de livros com textos de alunos, observei que a arte criou conexões profundas e sensíveis e que esse processo foi em grande parte despertado pela memória dos alunos. A memória e a arte passaram a andar juntas. A partir de pesquisas de auto investigação, os estudantes passaram a vivenciar e produzir uma arte que possuía muito mais sentido em suas vidas e reflexões. Uma produção pautada na experiência, na vida, na realidade vivencial, no encontro.

Tudo o que se produz nas artes é imbuído de memória. E ter um olhar sensível e um sentido em meu corpo fez com que o desenrolar das atividades em sala de aula se expandissem, e metamorfoseassem as aulas em encontros para investigar as subjetividades. As palavras de Fernando Azevedo (2009) passaram a ter sustentação no processo de possibilitar e desenvolver o olhar sensível dos estudantes: “ler é atribuir significados, é interpretar o mundo produzindo sentidos, traduzindo fatos e imagens para sua própria codificação, tentativa de recontar a aventura humana por meio das linguagens” (AZEVEDO, 2009, p. 335).

Assim, se compreendemos a experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21), e ainda como um “lugar de aberturas, um espaço de atravessamento entre corpos, ideias, narrativas, experiências, objetos, lugares, tempos”

(BERNARDES; PEREIRA, 2019, p. 70), como as experiências e atravessamentos na sala de aula podem se transfigurar em potência criadora e (trans)formadora?

Compreendendo a importância de explorar “outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (BONDÍA, 2002, p. 21), as vivências pessoais como educadora se debruçam nas tramas que unem a minha formação à ligação com as artes e como se aprofundaram no chão da sala de aula. Os caminhos e atravessamentos se deram pela intuição, pela educação sensível, pelas palavras e pela memória.

O trajeto até chegar essa clareza de ideias foi longo e, indiscutivelmente, complexo, visto que, como é sabido, existe um distanciamento entre teoria e prática em nosso sistema de ensino. Passamos anos discutindo como desenvolver o olhar sensível dos estudantes, suas percepções críticas e capacidades interpretativas, mas, quando iniciamos nossas práticas educacionais, encontramos uma estrutura social que impede não só a aprendizagem satisfatória, mas também a capacidade de sonhar, de “esperançar”, de intuir, de lembrar e, porque não dizer, de criar. Então, perceber a importância de acessar o lugar da experiência (teatro) e de territórios existenciais (memória) foi ao mesmo tempo desafiador e um ponto libertador de minha prática, pois,

[...] em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (BONDÍA, 2012, p. 24).

Vivi essa última década entre dois mundos: o da escola privada onde os estudantes têm acesso a uma educação menos dura, com mais estrutura e até mais encantamento; e a que podemos chamar de um emaranhado social que mistura pobreza, incompreensão e ausência de políticas educacionais efetivas, incertezas e dúvidas existenciais, em que encontramos os alunos e os professores da educação básica do ensino público. Neste cenário, antes de qualquer possibilidade de ensinar, temos um papel muito importante enquanto educadores: orientar os estudantes para a experiência profunda de assumir-se. “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 1996, p. 46).

Toda complexidade que circunda as temáticas que pretendo discutir e compreendendo que nem a arte, nem as práticas isoladas podem mudar totalmente

estruturas tão enraizadas, penso que refletir sobre o tema e tornar pública a vivência de uma educação sensível, marcando o traçado das linhas que indicam os percursos seguidos pela arte-educação pode colaborar com a discussão e apontar caminhos possíveis. Caminhos que podem levar os atores envolvidos no processo educacional a se perceberem como participantes ativos de sua própria existência.

Relembrando Fanon, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo (BARBOSA, 2012).

Em “Entre memória e história”, Barbosa (2014) discorre sobre como o ensino da arte se desenvolveu no Brasil. Desde a década de 1920 até os acontecimentos pós encontro de arte educação de 1980 na USP. Neste artigo ela demonstra como sempre foi desafiador trabalhar com arte na escola e como a formação dos professores de arte sempre foi transpassada por dificuldades de gestão e impedimentos políticos.

Assim, ao entrar em contato com os estudos de Barbosa e de outros pesquisadores que se debruçam sobre o tema da arte-educação, percebi que mesmo trabalhando intuitivamente com o ensino da arte a minha formação precisaria ir além da teoria. Na abordagem triangular, criada pela autora supracitada, nos idos das décadas de 80 e 90 e atualizada constantemente, ela fala sobre a importância da experiência como algo relevante para a compreensão do professor/mediador como ponto fundamental no desenvolvimento do ensino da arte. Pagni (2010) corrobora com o dizem sobre esse processo:

A experiência vem sendo concebida, desde a modernidade, como a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo, por meio da qual aquele começa a conhecer a estes pelos órgãos dos sentidos e, paulatinamente, a reconhecer-se conscientemente, em suas ações pelo juízo reflexivo, em vista da aquisição de saberes capazes de auxiliá-lo na condução de sua vida (PAGNI, 2010, p.15).

Podemos agora olhar para a memória, uma categoria chave, uma vez que “a memória é a ressignificação das experiências vividas, um cenário ocupado por pessoas onde se mistura o passado e o presente, não se caracterizando como saudosismo, nem como repetição do que passou” (MARTELLI, 2007, p. 6). Então, se encontramos suporte para as nossas memórias pessoais a partir do que vivenciamos, ouvimos ou lemos sobre nosso meio social, é possível afirmar, que muito do que vivenciamos na sala de aula, está ancorado nas memórias (coletivas) e nas nossas experiências.

No entanto, não podemos esquecer que, seja na composição artística seja na vivência cotidiana, a memória, assim como ocorre em toda construção discursiva, é sempre encoberta por uma película que limita a nitidez dos fatos. Existe todo um

constructo histórico e coletivo ao qual amarramos nossas lembranças individuais; o que é externo, o que pode parecer residir fora de nós – parece, pois, existir porque está dentro – serve para dar unidade a nossa vida e “a arte é uma forma de relacionar os seres com a vida e entre si, fazendo com que o indivíduo transforme a expressão de sua existência particular numa experiência humana coletiva” (PAES LOUREIRO, 2002, p. 97).

Desse modo, ao me formar no chão da escola, optei por utilizar o tear que tece arte-educação-memória, passei a poetizar “a” e “na” sala de aula, a inventar territórios formados por micro células de beleza, afeto e amor. Ao me lançar nessa experiência passei a entender que “não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar da arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados” (BOAL, 2009, p.19).

Em 2012, ainda no mestrado, e cada vez mais inquieta e curiosa com minhas pesquisas, resolvi participar de um processo seletivo para lecionar no “Projeto Travessia”, da SEDUC – PE, baseado nos estudos freireanos, com formações continuadas semestrais para os professores, que seriam polivalentes (Língua portuguesa, Inglês, Espanhol, História, Geografia, Artes plásticas, Teatro, Música). Senti-me desafiada e muito interessada em viver essa experiência. Os alunos precisavam ter a prática diária de escrever um memorial, assunto que permeava toda minha trajetória acadêmica, e cada educador acompanhou a turma durante os dois anos para a conclusão do Ensino Médio. Desenvolvemos diversas ações e tivemos muitas experiências valiosas. Para mim, o projeto “travessia” foi um portal para a prática docente e para o eu me desenvolver como professora de Arte.

No ano seguinte (2013) fui aprovada no processo seletivo do SESI - PE, trabalhei em diversos projetos na empresa, mas gostaria de destacar o projeto Vira-vida (2015), que atendia adolescentes vítimas de exploração sexual comercial e propunha ressignificar suas vidas por meio da educação e das artes. Nesse projeto, participei de uma formação, no Recife, intitulada: “Poder Jovem: a arte de reinventar a vida”. Passamos horas discutindo sobre como a arte pode empoderar os estudantes, sobretudo os que estão em situação de vulnerabilidade. Posso dizer que, em consonância com Barbosa (2012), neste projeto foi possível “desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (BARBOSA, 2008, p. 18).

Comecei a despertar para o tema da arte-educação. Passei a ampliar meu olhar e perceber que, mesmo sendo professora de Língua Portuguesa, poderia trabalhar sempre com os olhos e as práticas voltadas para todas as artes. Comecei a notar que encontrava

caminhos para acessar as subjetividades dos estudantes por meio da arte. Viver esta educação me fez perceber que a arte não é só expressão, mas é construção e busca de conceitos e interpretação. É uma leitura do mundo e do entorno.

Em 2016, passei a criar estratégias para transformar as aulas em encontros criativos e que fizessem sentido para os estudantes. Poetizar a sala de aula foi, através do aparato da arte, reinventar um território formado por micro células de beleza, afeto e amor. Desenvolvemos diversos projetos de contação de histórias, circuitos literários que englobavam: música, dança, teatro e literatura, cafés literários. Criamos, como diz Ana Maria Machado (2001) em seu livro “Texturas”, sobre leituras e escritos, ilhas no tempo para vivenciarmos na sala de aula uma outra dimensão da educação tocada pela arte.

O projeto que mais se destacou foi o “Da memória à escrita”. Cada ano trabalhamos com um gênero textual e uma determinada pesquisa relacionada à memória: 2016, Crônicas da memória: memórias e imagens de festas e brincadeiras; 2017, Contos da memória: memórias da escola; 2018, Minicontos; memórias de leituras e histórias. Este projeto de pesquisa e intervenção contribuiu para o (re) conhecimento da memória e da história sociocultural, por meio da voz das lembranças de pessoas com idades entre 40 e 80 anos.

O projeto inaugurou uma nova fase, pois além de orientar as pesquisas, também produzimos materiais didáticos e livrinhos com as histórias criadas pelos estudantes a partir das entrevistas que realizavam com adultos ou idosos. Fizemos uma extensa discussão durante o ano inteiro sobre ficção, memória e história, conseguindo assim desenvolver de forma aplicada à educação os estudos que iniciei em 2007, ainda na UEPA.

Apresentei esse projeto em três eventos: no XII Seminário anual do CUMA/UEPA: ano Lindanor, em 2017; no XIV Encontro sobre o Ensino de Língua e Literatura: Pós-Modernidade e literatura: Letramento literário, produção artesanal, novas formas de consumo, na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), em 2018; e na XII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, em um debate sobre poesia em sala de aula promovido pela MOPI - Mostra de Publicações Independentes, em 2019.

Em 2017, já como professora efetiva do Estado de Pernambuco, encontrei muitos obstáculos na primeira escola, falta de estrutura, falta de recursos, alunos desmotivados e violentos. Precisei arcar com os custos para ser professora não apenas da disciplina para a qual fui selecionada, mas também professora de Arte do 6º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. Essa experiência foi muito importante, parecia que os rumos da minha docência sempre me empurravam para aprender mais, para poder ensinar arte.

Então, desenvolvemos diversos projetos ligados à fotografia, à literatura, às artes visuais, mas gostaria de destacar um curta produzido por mim para a feira de ciências na turma de 7º ano intitulado: “Por que precisamos dos movimentos sociais?”²⁹. Os estudantes produziram o roteiro, atuaram, construíram cenários, figurinos e ainda transformaram a sala de aula em uma sala de cinema. Ter vivenciado e participado dessa construção foi determinante para as decisões que tomei. Passei a estudar de forma mais aprofundada a arte-educação, já que comecei a carregar essa alcunha e iniciei um processo de auto aceitação e autoafirmação como arte-educadora.

Ainda no ano de 2017 fui convidada para lecionar como professora de Arte e Língua Portuguesa da EJA na Escola Estadual Tabajara, na periferia de Olinda. Ali pude aplicar os diversos conhecimentos sobre arte, memória e educação, matérias que fui amadurecendo no decorrer da caminhada. O público da Educação de Jovens e Adultos é muito desafiador, geralmente composto por adultos e idosos que passaram muitos anos sem estudar. Nesse processo, precisamos, antes de qualquer coisa, fazê-los acreditar em si. E as atividades relacionadas às diversas artes foram uma ótima forma de transcender os empecilhos sociais, que os afastam de muitos espaços criativos.

Pensando assim, além de trabalhar os conteúdos em sala de aula, sempre que pude os levei para assistir peças de teatro e apresentações de dança na cidade do Recife. Muitos nunca haviam entrado num teatro, participar desses momentos de oportunizar o acesso à arte e a outros espaços dos quais muitos são excluídos, foi muito gratificante e, sem dúvidas, colocou-me em contato com outras dimensões da educação. Movimentamos a escola entre os anos de 2017 e 2020 com diversos projetos e eventos relacionados às artes, à memória e à educação. Ancorar os conhecimentos acadêmicos no solo da escola me fez perceber e aprofundar a dimensão que a arte pode ter na vida dos estudantes.

No início de 2021, recebi a proposta para atuar como professora de apoio pedagógico em uma escola de referência de Ensino Fundamental e Médio, para desenvolver projetos ligados às artes, inclusive à leitura literária. Assumi a função no mês de fevereiro e essa vivência ainda está em andamento.

Outra função assumida em fevereiro do ano corrente foi a de professora de duas disciplinas: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Fundamentos e metodologia do ensino da arte na UNIBRA- IBGM, universidade privada no estado de Pernambuco. Na segunda disciplina citada, estou aprofundando os conceitos ligados à arte na educação e discutindo diversos temas, tais como: os significados da arte, as diferentes manifestações

²⁹ https://youtu.be/8s3OxO_vhfU

da arte, a apreciação artística, as artes na escola e na comunidade, arte na educação, as manifestações artísticas regionais e locais. Ensino da arte: aspectos históricos e metodológicos, a relação entre epistemologia e metodologia do ensino da arte em suas variações ao longo do tempo. Viver esta experiência, tem sido muito relevante e coerente com as necessidades de estudo e a compreensão sobre a minha construção enquanto professora-arte-educadora.

E assim, concluo que transitar entre a educação, a arte literária e as outras artes, sobretudo as artes cênicas, me faz reconhecer que sou uma profissional muito mais completa. Desconstruir a ideia de que os campos de conhecimentos devem ser separados, dismantlar os sistemas que nos colocam em compartimentos, entender como os processos ligados aos espaços que venho atuando, são objetivos de vida, antes mesmo de serem objetivos de pesquisa.

Poetizar a sala de aula é, também, uma forma de resistência, pensar coletivamente, lançar minha voz no mundo, usar meu corpo-experiência no espaço da pesquisa para compreender os processos que ligam o cotidiano dos profissionais da educação básica às vivências artísticas é uma forma de desconstruir as dualidades que nos são imputadas pelo cotidiano docente. E, mesmo com as incertezas do que encontrarei nesta busca, aprender e discutir como a linguagem artística pode desconstruir as dualidades: mente-corpo, arte-vida, ficção-realidade, memória-esquecimento, e com esses aprofundamentos e auto provocações construir afirmativas novas, à luz de minha experiência, sobre algo já existente.

Referências

AZEVEDO, Fernando. A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Entre Memória e História**. In.: Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BERNARDES, RK; PEREIRA, ACC. **Atravessamentos no e com o corpo: narrativas estéticas na docência**. Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 68-79 jan/abr 2019.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CABRAL, Lylian José Félix da Silva. **Era uma vez...: memórias e imagens de infância presentes na prosa poética de Maria Lúcia Medeiros**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2010.

CABRAL, Lylian José Félix da Silva. **Poéticas amazônicas: espaços da memória, oralidade e identidade na prosa de Maria Lúcia Medeiros**. Recife, 2013. 104 f. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.

PAGNI, Pedro Angelo; GELAMO, Rodrigo Pelloso. (Org.). **Experiência, educação e contemporaneidade**. Marília: Poesis, 2010

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. **Escritura e nomadismo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

SOBRE A AUTORA

Lylian José Félix da Silva Cabral

Mestre em Letras/Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Letras/Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinete do Recife (FAFIRE). Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Facilitadora de círculos de construção de paz da Justiça Restaurativa pela FUNDAJ e participante do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). Professora efetiva da SEDUC-PE desde 2017. Professora do Centro Universitário Brasileiro - IBGM. Atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Literatura Amazônica, Memória, Poéticas da oralidade, Estética da Recepção, Produção e execução de projetos científicos, Interpretação e Produção de Textos, Educação, Educação de Jovens e Adultos, Artes, Cultura de paz na escola, Justiça restaurativa e Comunicação não violenta.

E-mail: lyjpscabral@altramsol.com

Recebido: 12/05/23

Aprovado: 30/06/23